

Achega ao conhecimento da linhagem dos Curutelos a partir das inquirições régias dos inícios do século XIV

Gonçalo Vidal Palmeira^[*]

No âmbito da realização do 6.º Congresso Internacional Casa Nobre tivemos oportunidade, juntamente com Miguel Ayres de Campos Tovar, de nos debruçarmos sobre a linhagem medieval dos Curutelos^[1]. Entre as fontes que mais concorreram para o nosso conhecimento desta estirpe destacam-se as inquirições gerais do século XIII, especialmente as inquirições de 1258 e 1288, que bem retratam a expansão dos interesses e prerrogativas desta estirpe. Ficaram, no entanto, por explorar as inquirições promovidas por D. Dinis nos primeiros anos do século XIV e as inquirições gerais de 1343, levadas a cabo por ordem de D. Afonso IV. Estes inquéritos da primeira metade de Trezentos contêm, porém, vários dados de interesse sobre os senhores do paço de Curutelo, os quais queremos aqui apresentar com vista a completar a imagem que traçámos anteriormente.

Conforme oportunamente assinalámos, encontramos nos nobiliários medievos bastantes dados de interesse referentes às origens da linhagem em apreço — nomeadamente a passagem do *Livro de linhagens do conde D. Pedro* que nos relata que os Curutelo procedem de Nuno Mides, que foi “casar em Riba de Nehva u chamam Curutelo”, uma vez que o seu irmão “era o maior, [e] ficou na terra”. Tivemos ocasião de nos centrarmos particularmente nesta formulação do nobiliário trecentista que é repetida com respeito ao bisneto de Nuno Mides, Vicente Martins de Curutelo, ao afirmar que este “era o maior, e ficou na terra” — o que interpretámos como um indício significativo de que os Curutelo assumi-

ram uma forma mais rígida na sucessão dos domínios e bens familiares, tendente a beneficiar os primogénitos em detrimento dos filhos segundos, não obstante vigorar por regra um sistema cognático de entre a nobreza medieval portuguesa. Neste seguimento, pudemos constatar que os secundogénitos da linhagem dos Curutelo enveredaram por percursos alternativos, que os chegaram a distanciar do solar, fosse como clérigos, como cavaleiros da Ordem de Santiago ou então estabelecendo-se nas cortes régias portuguesa e castelhana-leonesa, sendo que destacámos o caso de alguns Curutelos que se estabeleceram no reino vizinho e serviram como vassallos dos reis de Castela-Leão. Por outro lado, realçámos como são os primogénitos da estirpe, os senhores do paço e solar da linhagem, as figuras mais bem documentadas nas inquirições gerais do século XIII, fontes que bem retratam a forma como os senhores de Curutelo expandiam os seus interesses, especialmente nas freguesias circunvizinhas ao seu solar. Como vimos, recorriam para tal não só à compra de terras, mas também a práticas bem enraizadas entre a nobreza do noroeste da Península Ibérica, nomeadamente o amádi-go e a *perfilatio* — práticas estas que permitiram aos membros desta linhagem expandir as suas terras, bem como as suas redes de clientes ou apaniguados. Deste modo, a estirpe dos senhores de Curutelo inseria-se entre o vasto leque de linhagens de uma nobreza de média e pequena valência que emergiram entre os séculos XII e XIV e que popularam o noroeste de Portugal, onde se avultaram como protagonistas cimeiros no processo de senhoriação dos territórios mais setentrionais do reino.

Relatámos também que Egas Martins de Curutelo sucedeu a Vicente Martins de Curutelo como chefe da linhagem e senhor do paço e honra de Curutelo. Saliente-se que, ao contrário do que era habitual, Egas Martins ostenta o mesmo patronímico que o pai, e não o nome deste na forma nominativa, evocando antes o nome do seu avô Martim Simões de Curutelo^[2]. Como sucessor do avô e do pai no senhorio de Curutelo, Egas Martins teve de se dedicar à gestão dos domínios familiares e à manutenção e alargamento do poder senhorial da linhagem. Segundo as inquirições gerais de 1288, comprou duas herdades na freguesia de Freixo^[3] — portanto, nas imediações do solar da linhagem — onde construiu uma casa, provavelmente destinada a rendeiros que deveriam explorar aqueles terrenos mediante o pagamento de tributos. De acordo com as inquirições de 1258, comprou ainda outras herdades em

São Pedro de Alvito^[4]. Acrescentam as inquirições de 1307-1311 que este Egas Martins deixou um filho a criar durante 9 dias com camponeses de Ardegão, por volta de 1292^[5]. Reporta o mesmo inquérito que em Freixo, o “cavaleyro” Egas Martins de Curutelo, cobrou a lutuosa pela morte de um lavrador que morrera na quintã de Pedro Ermiges, a qual se encontrava então repartida em várias quintas de camponeses. Informa-nos ainda que Egas Martins detinha um prédio foreiro do rei e que havia também adquirido outras duas herdades que solviam foros ao rei, as quais estavam à data na posse do seu filho, Martim Viegas de Curutelo, tendo sido ali construída uma “casa de morada” pela qual ainda eximiam dois homens que viviam nas imediações^[6].

Com respeito a Martim Viegas de Curutelo, que sucedeu ao pai como senhor de Curutelo, as inquirições de 1307-1311 dão nos conta do seu envolvimento em vários casos de amádigo, relatando que havia deixado uma filha ao cuidado de camponeses em Vitorino de Piães^[7], que deixou também uma filha a criar em Poiães^[8] e que confiou um filho ao cuidado de camponeses de Ardegão^[9]. As mesmas inquirições dizem-nos que em São Salvador de Navió Martim Viegas eximiu duas mulheres de solverem foros ao rei, colocando-as sobre o seu patrocínio após estas lhe terem dado parcelas (“quinhom”) de duas casas^[10].

Já as inquirições de 1343, relatam com respeito a Martim Viegas que este possuía uma herdade em Sandiães^[11] e que comprou em Ardegão casas que antes solviam tributos ao rei^[12]. O mesmo inquérito reporta ainda que Martim Viegas de Curutelo, “cavalleyro”, foi acusado de ter coutado propriedades de lavradores tributários da coroa em Freixo, nas quais colocou um mordomo seu, para além de ter comprado outros prédios foreiros, juntamente com o seu filho Martim Eanes, e que ficaram não só para Martim Eanes Curutelo como também para as suas irmãs, Guiomar, Leonor e Beatriz^[13].

Em suma, as inquirições de Trezentos completam a imagem já patente nos inquéritos ducentistas, retratando o continuo esforço dos senhores de Curutelo em expandirem não só o seu fundo dominial com aquisição de novas terras, como a expansão das suas prerrogativas senhoriais pelo incremento da sua rede de clientes ou apaniguados, num processo que se desenrolou até à extinção da varonia dos Curutelos medievos, após a morte do filho de Martim Viegas, Martim Eanes de Curutelo.

[*] IEM — NOVA FCSH.

[1] Vd. Gonçalo Vidal Palmeira e Miguel Ayres de Campos Tovar, “Gerações medievais do paço de Curutelo: dos Curutelos aos Viegas (séculos XII a XIV)”, in *Atas do 6.º Congresso Internacional Casa Nobre – um património para o futuro*, Arcos de Valdevez, Município dos Arcos de Valdevez, 2024, pp. 304-322.

[2] Lembremos que a composição habitual do nome dos nobres da época era constituída pelo primeiro nome e um patronímico, o qual consistia no nome do pai na sua forma genitiva ou denominativa. Porém, Egas Martins mantém o patronímico que já o pai ostentara, ou seja, o nome do avô na sua forma genitiva. Este é pois um dos não muito abundantes

exemplos em que o patronímico não deriva do nome do pai como era tradicional, algo que se viria a generalizar ao longo do século XIV.

[3] *PMH-Inq. 1288*, p. 356.

[4] *PMH-Inq. 1258*, p. 304.

[5] ANTT, Feitos da Coroa, Inquirições de D. Dinis, liv. 6, fl. 41.

[6] *Ibid.*, fl. 39.

[7] *Ibid.*, fl. 40.

[8] *Ibid.*, fl. 40^v.

[9] *Ibid.*, fl. 41.

[10] *Ibid.*, fl. 40^v.

[11] ANTT, Feitos da Coroa, Inquirições de D. Afonso IV, liv. 1, fl. 113^v.

[12] *Ibid.*, fl. 158.

[13] *Ibid.*, fls. 158^v-159.

Abreviaturas utilizadas

ANTT — Arquivo Nacional Torre do Tombo
PMH-Inq. 1258 — *Portugalix monumenta historica a sæculo octavo post Christum usque ad quintum decimum. Inquisitiones*, vol. 1, fasc. 3, Lisboa, Academia das Ciências, 1891

PMH-Inq. 1288 — *Portugalix monumenta historica. Nova Série. Inquisitiones*, vol. 4, t. 1, *Inquirições Gerais de D. Dinis de 1288, Sentenças de 1290 e Execuções de 1291*, ed. José Augusto de Sottomayor-Pizarro, Lisboa, Academia das Ciências, 2012

Fontes e bibliografia

Fontes manuscritas

ANTT, Feitos da Coroa, Inquirições de D. Afonso IV, liv. 1

ANTT, Feitos da Coroa, Inquirições de D. Dinis, liv. 6

Fontes impressas

Portugalix monumenta historica a sæculo octavo post Christum usque ad quintum decimum. Inquisitiones, vol. 1, fasc. 3, Lisboa, Academia das Ciências, 1891

Portugalix monumenta historica. Nova Série. Inquisitiones, vol. 4, t. 1, *Inquirições Gerais de D. Dinis de 1288, Sentenças de 1290 e Execuções de 1291*, ed. José Augusto de Sottomayor-Pizarro, Lisboa, Academia das Ciências, 2012

Bibliografia

Gonçalo Vidal Palmeira e Miguel Ayres de Campos Tovar, “Gerações medievais do paço de Curutelo: dos Curutelos aos Viegas (séculos XII a XIV)”, in *Atas do 6.º Congresso Internacional Casa Nobre – um património para o futuro*, Arcos de Valdevez, Município dos Arcos de Valdevez, 2024, pp. 304-322